

ARRUME CONFUSÃO

KELLY LINK

Tradução de LEONARDO ALVES



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022



Sumário

As Pessoas de Verão	1
Dá para Ver na Sua Cara	35
Identidade Secreta	71
Vale das Meninas	115
História de Origem	135
A Lição	165
Namorado Novo	185
Duas Casas	227
Luz	251
Agradecimentos	295
Sobre a autora	297



As Pessoas de Verão

AMOSTRA
- x - x - x

O pai de Fran a acordou com um borrifador na mão.
— Fran — disse ele, espirrando água como se ela fosse uma planta murcha. — Fran, querida. Hora de acordar.

Fran estava gripada, mas parecia mais é que a gripe estava Franada. Como resultado, ela havia faltado à escola durante três dias consecutivos. Na noite anterior, ela tomara quatro cápsulas de remédio para a gripe e dormira no sofá enquanto um homem arremessava facas em um programa na TV. A cabeça dela estava envolvida em panos quentes e cheia de catarro. O rosto estava molhado de ração aguada de planta.

— Para — ela gemeu. — Já acordei!

Ela começou a tossir com tanta força que teve que segurar as costelas. Ela se sentou.

Papai era um vulto escuro em uma sala cheia de vultos escuros. O tamanho dele era prenúncio de problema. O sol ainda não havia saído de trás da montanha, mas tinha luz na cozinha. Tinha uma mala também, ao lado da porta, e na mesa havia um prato com ovos remexidos. Fran estava morrendo de fome.

Papai continuou.

— Vou ficar fora um tempo. Uma ou três semanas. No máximo. Você cuidará das pessoas de verão enquanto isso. Os Roberts chegam este fim de semana. Você precisará fazer compras pra eles amanhã ou depois de amanhã. Cuidado com a data de validade do leite quando for comprar, e troque os lençóis nas camas todas. Deixei o cronograma da casa na bancada, e o carro deve ter gasolina suficiente pra fazer tudo.

— Espera — respondeu Fran. Cada palavra doía. — Pra onde você vai?

Ele se sentou no sofá ao lado dela e tirou alguma coisa de debaixo de si. Mostrou o que estava segurando: um dos brinquedos antigos de Fran, o ovo de macaco.

— Olha, você sabe que eu não gosto disso. Queria que você guardasse.

— Tem muita coisa que eu não gosto — argumentou Fran. — Pra onde você vai?

— Grupo de oração em Miami. Achei na internet — respondeu. Ele se ajeitou no sofá, pôs a mão na testa dela, e o toque foi tão fresco e reconfortante que os olhos dela escorreram. — Você parece bem menos quente agora.

— Eu sei que você precisa ficar aqui e cuidar de mim. Você é meu papai.

— Olha, como é que eu vou cuidar de você se eu não tô bem? — respondeu. — Você não sabe as coisas que eu já fiz.

Fran não sabia, mas podia imaginar.

— Você saiu ontem à noite. Bebeu.

— Não tô falando de ontem à noite. Tô falando de uma vida inteira.

— Isso é... — disse Fran, mas começou a tossir de novo. Ela tossiu por tanto tempo e com tanta força que chegou a ver estrelas. Apesar da dor nas costelas, e apesar do fato de que, sempre que ela conseguia aspirar um bocado decente de ar, voltava a tossir tudo de novo, o remédio para gripe fazia tudo parecer tão pacífico que era como se o papai estivesse recitando um poema. As pálpebras dela estavam se fechando. Mais tarde, quando ela acordasse, talvez ele lhe preparasse o café da manhã.

— Se aparecer alguém, fala que eu já fui andando. Se algum homem falar que sabe das coisas, Fran, esse homem tá mentindo ou é um idiota. Só o que dá pra fazer é se preparar.

Ele deu um tapinha nos ombros dela e puxou a coberta até a altura das orelhas. Quando ela acordou de novo, era o fim da tarde, e fazia tempo que papai tinha ido embora. Ela estava com 39°C. Nas bochechas, o borrifador de planta espalhara brotoejas vermelhas salientes.

Sexta-feira, Fran voltou à escola. O café da manhã foi uma colherada de pasta de amendoim e cereal puro. Ela não se lembrava de quando tinha comido pela última vez. Sua tosse espantou os corvos quando ela andou até a rodovia municipal para pegar o ônibus escolar.

Ela cochilou em três aulas, incluindo a de cálculo, até que teve uma crise de tosse tão forte que a professora a mandou para a enfermaria. Ela sabia que a enfermeira provavelmente ligaria para seu pai e a mandaria para casa. Isso talvez fosse um problema, mas, no caminho até a enfermaria, Fran viu Ophelia Merck mexendo em seu armário.

Ophelia Merck tinha seu próprio carro, um Lexus. Ela e a família haviam sido pessoas de verão, mas agora ficavam o ano inteiro na casa deles em Horse Cove, perto do lago. Anos atrás, Fran e Ophelia haviam passado as tardes do verão brincando com as Barbies de Ophelia enquanto o pai de Fran colocava fogo em um vespeiro, pintava o revestimento de cedro e arrancava uma cerca velha. Elas não chegaram a conversar direito desde então, mas, uma ou duas vezes depois daquele verão, o pai de Fran levou para casa sacolas de papel cheias de roupas descartadas de Ophelia, algumas ainda com a etiqueta.

Com o tempo, Fran passou por um surto de crescimento, o que pôs um fim nisso; Ophelia continuava pequena, até agora. E, pelo que Fran sabia, Ophelia não havia mudado muito em quase todos os sentidos: bonita, tímida, mimada e fácil de obrigar a fazer coisas. Diziam que a família dela tinha se mudado de vez de Lynchburg para Robbinsville depois que uma professora flagrou Ophelia beijando outra menina no banheiro durante um baile da escola. Foi isso ou uma acusação de má conduta profissional do Sr. Merck, que era o outro boato, pode escolher.

– Ophelia Merck – chamou Fran. – Preciso que você venha comigo pra falar com a enfermeira Tannent. Ela vai me mandar pra casa. Preciso de carona.

Ophelia abriu a boca e voltou a fechar. Fez que sim com a cabeça.

A temperatura de Fran tinha subido de novo, para 38,9°C. Tannent até escreveu um bilhete autorizando Ophelia a sair da escola.

– Não sei onde você mora – disse Ophelia. Elas estavam no estacionamento, e Ophelia procurava a chave do carro.

– Vai pela rodovia municipal – respondeu Fran. – Pegue a 129. – Ophelia assentiu. – Tem que subir um pouco em Wild Ridge, depois dos campos de caça. – Ela se recostou no apoio de cabeça e fechou os olhos. – Ah, droga. Esqueci. Dá pra passar na mercearia antes? Preciso arrumar a casa dos Roberts.

– Acho que dá – disse Ophelia.

Na mercearia, Fran pegou leite, ovos, pão de forma integral e frios para os Roberts, Tylenol e mais antigripal para si própria, e mais uma garrafa de suco de laranja congelado, burritos de micro-ondas e biscoito recheado.

– Põe na conta – disse ela para Andy.

– Fiquei sabendo que seu papai arrumou confusão outro dia – respondeu Andy.

– É mesmo? Ele foi pra Flórida ontem de manhã. Falou que precisa se acertar com Deus.

– Não é Deus que seu pai precisa agradecer.

Fran pressionou o olho ardido com a mão.

– O que foi que ele fez?

– Nada que não possa ser resolvido com jeitinho e educação – disse Andy. – Fala pra ele que a gente conversa quando ele voltar.

Na metade das vezes em que papai bebia, Andy e o primo dele, Ryan, estavam envolvidos, apesar de ser proibido vender bebidas alcoólicas no distrito. Andy tinha tudo que era bebida na van dele lá nos fundos, para qualquer um que quisesse e soubesse pedir. As coisas boas vinham de fora do distrito, de Andrews. Mas as melhores eram as que o papai produzia. Todo mundo dizia que a biritinha do pai de Fran era boa demais para ser rigorosamente natural. O que era verdade. Quando não estava se acertando com Deus, o pai dela arranjava um bocadinho de confusão. Fran imaginava que, nessa situação específica, ele havia prometido fornecer algo que Deus não ia deixar que ele entregasse.

— Vou falar que você disse isso.

Ophelia estava olhando a lista de ingredientes na embalagem de uma bala, mas Fran percebeu que ela estava interessada. Quando elas voltaram para o carro, Fran disse:

— Não é porque você está me fazendo um favor que precisa saber da minha vida.

— Tudo bem — respondeu Ophelia.

— Tudo bem. Ótimo. Agora acho que você pode me levar pra casa dos Roberts. É na...

— Eu sei onde fica a casa dos Roberts. — interrompeu Ophelia. — Minha mãe foi lá o verão passado todo para jogar baralho.

Os Roberts tinham uma chave reserva escondida embaixo de uma pedra falsa, que nem todo mundo. Ophelia parou na porta como se estivesse esperando um convite para entrar.

— Ué, vem — disse Fran.

Não tinha muito o que dizer da casa dos Roberts. Havia muitas estampas xadrez, e jarros decorativos de cerâmica e bibelôs de cachorro apontando, sentados ou correndo com pássaros em suas bocas delicadas estavam por toda parte.

Fran arrumou os quartos menores e deu uma passada rápida de aspirador de pó no térreo enquanto Ophelia arrumava o quarto principal e tirava a aranha que havia se instalado na lixeira. Ela a levou para fora da casa. Fran não tinha muito fôlego para debochar. Elas foram de cômodo em cômodo, conferindo se as lâmpadas funcionavam e se a TV a cabo estava com sinal. Ophelia cantava baixinho enquanto elas trabalhavam. As duas faziam parte do coral, e Fran começou a avaliar a voz de Ophelia. *Soprano*, ao mesmo tempo cálida e leve, enquanto Fran era *alto* e ligeiramente esganiçada até quando não estava gripada.

— Para — disse Fran em voz alta, e Ophelia se virou e olhou para ela. — Você não. — Ela abriu a torneira na pia da cozinha e deixou a água correr até sair limpa. Tossiu por muito tempo e cuspiu no ralo. Eram quase 16h. — Acabamos aqui.

— Como você está se sentindo? — perguntou Ophelia.

— Como se eu tivesse levado uma surra — respondeu Fran.

— Vou levar você para casa. Tem alguém lá, caso você comece a se sentir pior?

Fran não se deu ao trabalho de responder, mas, em algum momento entre os armários da escola e o quarto principal dos Roberts, aparentemente Ophelia havia decidido que o gelo tinha sido quebrado. Ela falou de um programa de TV e da festa à qual nenhuma das duas iria no sábado à noite. Fran começou a desconfiar que Ophelia tivera amigos no passado, lá em Lynchburg. Ela reclamou do dever de cálculo e falou do suéter que estava tricotando. Comentou sobre uma banda feminina de rock que ela achava que Fran talvez gostasse e até se ofereceu para copiar um CD. Durante o trajeto pela rodovia municipal, ela exclamou algumas vezes:

— Nunca vou me acostumar a morar aqui o ano todo. Quer dizer, nem faz um ano inteiro que a gente está aqui, mas... É que é tão bonito. Parece um outro mundo, sabe?

— Sei lá — respondeu Fran. — Nunca fui para outro lugar.

— Ah — disse Ophelia, não muito desanimada com a resposta. — Bom, vai por mim. Aqui é lindo pra caramba. É tudo tão bonito que quase chega a doer. Adoro as manhãs, a neblina que cobre tudo. E as árvores! E, cada vez que a estrada faz curva, aparece mais uma cachoeira. Ou um campinho de pasto, todo florido. Tantos *vales*. — Ophelia tentou imitar o sotaque de Fran na palavra. — Tipo, é impossível saber o que a gente vai ver, o que vai aparecer, até que de repente aparece tudo ao mesmo tempo. Você vai tentar alguma faculdade ano que vem? Eu estava pensando em fazer veterinária. Acho que não aguento mais nenhuma aula de inglês. Animais de grande porte. Nada de cachorros ou porquinhos-da-índia. Talvez eu vá para a Califórnia.

— A gente não é do tipo que faz faculdade — disse Fran.

— Ah — respondeu Ophelia. — Você é muito mais inteligente que eu, sabe? Então achei que...

— Entra aqui — interrompeu Fran. — Cuidado. Não é asfaltada.

Elas seguiram pela estrada de terra, atravessaram os canteiros de louros e entraram na campina pequena com o riacho sem nome. Fran percebeu que Ophelia prendeu a respiração, provavelmente tentando ao máximo não falar algo sobre a beleza do lugar. E era bonito, Fran sabia. Mal dava para ver sua casa, escondida como uma noiva por trás de um véu de trepadeiras: clematite e madressilva-do-japão, montes de rosas-trepadeiras que tomavam conta da varanda e subiam pelo telhado caído. Abelhas, com armaduras douradas nas patas, transitavam pelo mato da campina, quase carregadas demais de pólen para voar.

— É velha — disse Fran. — Precisa de um telhado novo. Meu bisavô encomendou de um catálogo da Sears. Os homens trouxeram pela montanha aos pedaços, e todos os cherokees que ainda não tinham ido embora vieram olhar. — Ela ficou admirada consigo mesma: daqui a pouco, ia acabar convidando Ophelia para dormir lá.

Ela abriu a porta do carro, se arrastou para fora e pegou a sacola de compras. Antes que pudesse se virar e agradecer pela carona, Ophelia saiu também.

— Eu estava pensando — disse Ophelia, hesitante. — Bom, eu estava pensando, será que posso usar seu banheiro?

— É do lado de fora — disse Fran, bruscamente. E então cedeu. — Pode entrar. É um banheiro normal. Só não está muito limpo.

Ophelia não falou nada quando elas entraram na cozinha. Fran a viu observar tudo: a pilha de louça na pia, o travesseiro e a colcha esfarrapada no sofá afundado. Os montes de roupa suja ao lado da máquina de lavar econômica na cozinha. Os pontos onde filamentos das trepadeiras tinham invadido o interior pelas janelas.

— Você deve estar achando engraçado — disse ela. — Papai e eu ganhamos dinheiro arrumando a casa de outras pessoas, mas a gente não cuida direito da nossa.

— Eu estava pensando que alguém devia cuidar de você — respondeu Ophelia. — Pelo menos enquanto você está doente.

Fran encolheu os ombros ligeiramente.

— Eu me viro sozinha. O banheiro é no corredor.

Ela tomou dois comprimidos para gripe enquanto Ophelia estava no banheiro e bebeu os últimos goles do refrigerante que estava na geladeira para ajudar a descer. Sem gás, mas ainda estava gelado. Em seguida, ela se deitou no sofá e puxou a coberta até a altura do rosto. Ela se aninhou nas almofadas empelotadas. Suas pernas doíam, o rosto parecia estar queimando. Os pés estavam congelados.

Um minuto depois, Ophelia se sentou ao seu lado.

— Ophelia? — disse Fran. — Obrigada pela carona e pela ajuda na casa dos Roberts, mas não curto meninas. Então não chega em mim.

— Eu trouxe um copo d'água para você — respondeu Ophelia. — Você precisa se hidratar.

— Hmm.

— Um dia seu pai me falou que eu vou para o inferno, sabia? Ele estava na nossa casa para fazer alguma coisa. Consertar um cano estourado, talvez? Não sei como ele sabia. Eu tinha 11 anos de idade. Acho que eu não sabia, pelo menos ainda não. Ele parou de levar você para brincar lá depois disso, embora eu nunca tenha contado para minha mãe.

— Papai acha que todo mundo vai pro inferno — disse Fran debaixo da coberta. — Pra mim tanto faz pra onde eu vou, desde que seja longe daqui e sem ele.

Ophelia ficou um ou dois minutos sem falar nada, mas também não se levantou para ir embora, então Fran botou a cabeça para fora. Ophelia estava com um brinquedo na mão, o ovo de macaco. Ela o girou uma vez, girou de novo.

— Dá aqui — disse Fran. — Vou dar corda. — Ela girou o botão decorado e pôs o ovo no chão. O brinquedo vibrou com ferocidade. Duas pernas que pareciam pinças e uma cauda de escorpião feita de latão lustrado brotaram do hemisfério inferior, e o ovo oscilou nas pernas de um lado para o outro, enrolando e esticando a cauda. Abriram-se portinholas nos dois lados do hemisfério superior e dois braços se esgueiraram para fora e subiram, tamborilando na cúpula do ovo até essa também se abrir com um estalo. Uma cabeça de macaco, usando a cúpula do ovo como se fosse um chapéu, pipocou para fora. A boca se abriu e fechou em uma

tagarelice empolgada, os olhos vermelhos de granada reviraram, os braços foram traçando círculos cada vez maiores no ar, até o ciclo do mecanismo terminar e todas as extremidades voltarem de repente para dentro do ovo.

— Como é que é? — disse Ophelia. Ela pegou o ovo e passou o dedo pelas frestas.

— É só um negócio da nossa família — respondeu Fran. Ela tirou o braço de baixo da colcha, pegou um lenço e assoou o nariz provavelmente pela milésima vez. — A gente não roubou de ninguém, se é isso que você está pensando.

— Não — disse Ophelia, franzindo a testa. — É só que... nunca vi nada parecido. É tipo um ovo de Fabergé. Devia estar em um museu.

Havia muitos outros brinquedos. O gato risonho e os elefantes dançando valsa; o cisne de corda, que perseguia o cachorro. Outros brinquedos com que Fran não brincava fazia anos. A sereia que usava um pente para tirar gemas do cabelo. A mãe dela chamara de bugigangas para bebês.

— Lembrei agora — exclamou Ophelia. — Quando você foi brincar na minha casa. Você levou um peixinho prateado. Era menor que meu dedo mindinho. A gente colocou na banheira e ele ficou nadando pra lá e pra cá. Você tinha uma varinha de pesca também, e uma minhoca dourada que se retorcia no anzol. Você me deixou pescar o peixe, e, quando pesquei, ele falou. Disse que me concederia um desejo se eu o soltasse.

— Você desejou dois pedaços de bolo de chocolate.

— E aí minha mãe fez bolo de chocolate, não foi? Aí o desejo se realizou. Mas só consegui comer um pedaço. Será que eu já sabia que ela ia fazer um bolo? Mas por que eu desejaria algo que eu já sabia que ia ganhar?

Fran não falou nada. Ficou observando Ophelia com os olhos entreabertos.

— Você ainda tem o peixe? — perguntou Ophelia.

— Em algum lugar — respondeu Fran. — Parou de dar corda. Ele não concedia mais desejos. Lembro que não me incomodei. Ele só concedia desejos pequenos.

— Ha ha — Ophelia se levantou. — Amanhã é sábado. Vou vir aqui de manhã para ver se você está bem.

— Não precisa.

— Não — concordou Ophelia. — Não preciso. Mas vou vir.



Quando você faz pra outras pessoas coisas (o pai de Fran disse isso uma vez quando estava bêbado, antes de arranjar uma religião) que elas poderiam fazer, mas que pagam pra você fazer, os dois lados se acostumam.

Às vezes elas nem pagam, e aí vira caridade. No início, caridade não é confortável, mas acaba se tornando. Depois de um tempo, pode ser que você comece a se sentir estranha quando não faz só mais uma coisa pra elas, e sempre mais uma depois. Pode ser que você comece a se sentir valiosa. Porque as pessoas precisam de você. E quanto mais elas precisam de você, mais você precisa delas. As coisas se desequilibram. Você tem que se lembrar disso, Franny. Às vezes você está de um lado dessa equação e às vezes está do outro. Você tem que saber onde está e o que deve. Ou você equilibra ou é nisso que vocês vão ficar.



Fran, dopada com remédio para gripe, febril e sozinha na casa de catálogo de seu bisavô, escondida atrás de uma muralha de rosas, sonhou — como todas as noites — com fuga. Ela acordava de hora em hora, querendo que alguém trouxesse mais um copo d'água. Ela encharcava as roupas de suor, tremia de frio e voltava a arder.

Ela ainda estava no sofá quando Ophelia voltou, batendo na porta telada.

— Bom dia! — disse Ophelia. — Ou melhor, acho que é para ser boa tarde! Enfim, é meio-dia. Eu trouxe laranja para fazer suco fresco e não sabia se você gostava de linguiça ou bacon, então trouxe biscoitos dos dois sabores.

Fran se esforçou para se sentar.

— Fran — Ophelia veio se sentar na frente do sofá com um biscoito em forma de cabeça de gato em cada mão. — Você está com uma cara horrível. — Ela encostou os nós dos dedos na testa de Fran. — Você está ardendo de febre! Eu sabia que não devia ter deixado você sozinha aqui! O que eu faço? Quer que eu te leve para o pronto-socorro?

— Nada de médico — respondeu Fran. — Vão querer saber do papai. Água?

Ophelia correu para a cozinha.

— Você precisa de antibióticos. Ou algo do tipo. Fran?

— Aqui — disse Fran. Ela pegou uma conta em uma pilha de correspondências no chão e tirou o envelope. Arrancou três fios de cabelo, colocou-os dentro e passou a língua para lacrar. — Leve isto pela estrada até onde ela cruza com o escoadouro — disse ela. — Vá até o fim. — Ela tossiu. Coisas secas se sacudiram dentro de seus pulmões. — Quando chegar no casarão, vá pros fundos e bata à porta. Fale que eu mandei você lá. Você não vai ver ninguém, mas eles vão saber que você está lá por minha causa. Depois de bater à porta, entre. Suba direto pro andar de cima, atenção, e passe este envelope por baixo da porta. A terceira porta no corredor. Você vai saber qual é. Depois disso, é melhor esperar na varanda. Traga pra cá o que eles entregarem.

Ophelia a encarou com uma expressão que sugeria que Fran estava delirando.

— Vai logo — disse Fran. — Se não tiver casa, ou se tiver uma casa, mas não for a que eu estou descrevendo, você volta e me leva pro pronto-socorro. Ou, se você achar a casa, mas ficar com medo e não conseguir fazer o que eu pedi, volte e eu vou com você. Mas, se você fizer o que eu falei, vai ser que nem o peixinho.

— Que nem o peixinho? Não entendi.

— Vai entender. Seja audaz — disse Fran, tentando ao máximo parecer alegre. — Que nem as meninas nas músicas. Pode me trazer outro copo d'água antes de ir?

Ophelia foi.

Fran ficou deitada no sofá, pensando no que Ophelia veria. De vez em quando, ela punha uma luneta peculiar — algo muito mais útil que qualquer bugiganga — no olho. Com aquilo, ela viu a princípio a estrada de terra, que parecia acabar de repente. Mais uma olhada mostraria a estrada cruzando o riacho raso, aquele que percorre a montanha, com a água correndo terra abaixo. A campina sumia de novo entre canteiros de louros e apareciam árvores cheias de rosas-trepadeiras, uma subida em ondas de rosa e branco. Um muro de pedra, quebrado e em ruínas, então o casarão. A casa era de pedra, manchada com o tempo que nem o muro caído, e com dois andares. Telhado de placas de ardósia, uma varanda inclinada comprida, tábuas de madeira entalhada que bloqueavam todas as janelas. Duas macieiras, retorcidas e velhas, uma carregada de frutas, e a outra, vazia, preta e prateada. Ophelia viu o caminho coberto de musgo que passava entre elas e contornava a casa até a porta dos fundos com duas palavras entalhadas no umbral de pedra: SEJA AUDAZ.

E Fran viu Ophelia fazer o seguinte: depois de bater à porta, ela hesitou, só por um instante, e a abriu.

— Olá? — chamou Ophelia. — Fran me mandou aqui. Ela está doente. Olá? — Ninguém respondeu.

Então Ophelia respirou fundo e adentrou um corredor escuro e apertado com um cômodo de cada lado e uma escada à sua frente. Na ardósia diante dela estavam inscritas as palavras SEJA AUDAZ, SEJA AUDAZ. Apesar do convite, Ophelia não parecia tentada a investigar nenhum dos dois cômodos, o que Fran achou sensato. O primeiro teste foi um sucesso. Alguém poderia imaginar que uma das portas levaria a uma sala de estar e que a outra levaria a uma cozinha, mas seria um erro. Um cômodo era o Quarto da Rainha. O outro era o que Fran chamava de Sala de Guerra.

Pilhas mofadas de revistas, catálogos, jornais, enciclopédias e romances góticos se amontoavam junto às paredes do corredor, formando uma via tão estreita que até a miúda Ophelia se virou de lado para conseguir passar. Pernas de boneca, faqueiros e troféus de tênis, potes de cerâmica, caixas de fósforo vazias e dentaduras e coisas mais aleatórias ainda se entreviam dentro de sacolas de papel e plástico. Alguém poderia imaginar que atrás das portas dos dois lados do corredor haveria mais

pilhas deterioradas e mais tralhas, e estaria correto. Mas havia outras coisas também. Na base da escada havia mais um conselho para visitantes como Ophelia, inscrito na face do primeiro degrau: SEJA AUDAZ, SEJA AUDAZ, MAS NÃO DEMAIS.

Fran reparou que os proprietários da casa tinham aprontado mais uma de suas traquinagens. Alguém havia entrelaçado festão, hera e penas de pavão nos corrimões. Havia pregado com tachinhas silhuetas, fotos de Polaroid, ferrótipos e fotos de revista na parede ao longo da escada, camadas e mais camadas; centenas e centenas de olhos observavam cada vez que Ophelia colocava o pé cuidadosamente no degrau seguinte.

Talvez Ophelia não acreditasse que a escada não estava totalmente podre. Mas ela era segura. Alguém sempre cuidara muito bem dessa casa.

No topo da escada, o tapete no chão era macio, quase esponjoso. Musgo, concluiu Fran. Redecoraram de novo. Vai ser um inferno para limpar. Cá e lá se viam círculos bonitos de cogumelos brancos e vermelhos no musgo. E mais bugigangas, também, à espera de alguém que aparecesse para brincar com elas. Um dinossauro, que só precisava de corda, com um caubói de plástico barato sentado em seus ombros de latão e cobre. Perto do teto, dois dirigíveis blindados, presos a um lustre com fitas escarlate. Os canhões desses zepelins funcionavam. Eles já haviam perseguido Fran pelo corredor mais de uma vez. Ao chegar em casa, ela tivera que arrancar as bolinhas de chumbo da canela com uma pinça. Mas hoje eles estavam comportados.

Ophelia passou por uma porta, duas portas, parou na terceira. Acima dela, uma última advertência: SEJA AUDAZ, SEJA AUDAZ, MAS NÃO DEMAIS, OU SEU SANGUE GELARÁ. Ophelia pôs a mão na maçaneta, mas não tentou girar. Não estava com medo, mas também não era burra, pensou Fran. Vão gostar. Ou será que não?

Ophelia se ajoelhou para passar o envelope de Fran por baixo da porta. E aconteceu outra coisa também: algo escapuliu do bolso de Ophelia e caiu no tapete de musgo.

Voltando pelo corredor, Ophelia parou na frente da primeira porta. Parecia que ela estava ouvindo alguém ou alguma coisa. Música, talvez? Uma voz chamando seu nome? Um convite? O sofrido coração de Fran se

encheu de alegria. Gostaram dela! Bom, claro que gostaram. Quem não gostaria de Ophelia?

Ela desceu a escada e passou pelas torres de lixo e tralha. Voltou para a varanda, onde se sentou no balanço, mas não se balançou. Parecia que ela estava de olho tanto na casa quanto no jardimzinho de pedras dos fundos, que ia até a montanha logo ali. Havia até uma cachoeira, e Fran torceu para que Ophelia gostasse. Nunca tivera aquilo ali antes. Aquela era só para ela, só para Ophelia, que havia comentado que cachoeiras eram lindas pra caramba.

Na varanda, Ophelia virou a cabeça de repente, como se tivesse medo de que alguém fosse pegá-la de surpresa por trás. Mas eram só abelhas-carpinteiras, carregando seus fardos dourados, e um pica-pau, bicando atrás de comida. Havia uma ratazana-do-capim no mato irregular, e quanto mais Ophelia observava, mais ela e Fran viam. Dois filhotes de raposa cochilavam embaixo dos louros. Um corço e uma corça arrancavam tiras de casca de troncos jovens. Até um urso-pardo, ainda coberto com a pelagem do último inverno, perambulava pelo barranco alto acima da casa. Enquanto Ophelia permanecia hipnotizada na varanda daquela casa perigosa, Fran se encolheu no sofá, e ondas de calor se esparramaram de seu corpo. A luneta caiu no chão. *Vai ver estou morrendo, pensou Fran, e é por isso que Ophelia veio aqui.*

x — x

Fran dormiu e acordou várias vezes, sempre atenta ao som de quando Ophelia voltasse. Talvez ela tenha se enganado e não mandariam nada para ajudar. Talvez nem mandassem Ophelia de volta. Ophelia, com sua voz de canto bonita, com aquela timidez, aquela bondade inata. O cabelo encaracolado, louro claro. Eles gostavam de coisas brilhosas. Pareciam galhas nesse sentido. E em outros também.

Mas lá estava Ophelia, afinal, olhos enormes e o rosto iluminado feito uma árvore de Natal.

— Fran — disse ela. — Fran, lembra. Fui lá. Fui audaz! Quem mora lá, Fran?

— As pessoas de verão — respondeu Fran. — Deram alguma coisa pra você trazer?

Ophelia colocou um objeto em cima da coberta. Como tudo que as pessoas de verão faziam, era bem bonito. Um frasco de vidro perolado do tamanho de um batom, com uma cobra verde esmaltada enrolada em volta e o rabo servindo de tampa. Fran puxou o rabo, e a serpente se desenrolou. Um mastro se projetou para fora da abertura do frasco e um trapo de seda se desfraldou. Nele estavam bordadas as palavras ME BEBA.

Ophelia ficou observando, com os olhos brilhando diante de tantas maravilhas.

— Eu me sentei e esperei, e tinha duas raposinhas! Elas subiram na varanda, foram até a porta e arranharam até ela abrir. E elas entraram na hora! Depois, elas saíram de novo, e uma veio para mim com o frasco na boca. Ela colocou o frasco bem nos meus pés, desceram os degraus com toda a tranquilidade e entraram na mata. Fran, parecia um conto de fadas.

— É — disse Fran. Ela pôs os lábios na abertura do frasco e bebeu o conteúdo. Tossiu, limpou a boca e lambeu o dorso da mão.

— Quer dizer, todo mundo fala que alguma coisa parece um conto de fadas — disse Ophelia. — E isso significa que alguém se apaixonou e se casou. Feliz para sempre. Mas aquela casa, aquelas raposas, é mesmo um conto de fadas. Quem são? As pessoas de verão?

— É assim que papai chama — respondeu Fran. — Menos quando ele fica religioso, aí ele chama de diabos que querem roubar sua alma. É porque fornecem bebida pra ele. Mas ele nunca teve que cuidar deles. Era minha mãe que cuidava. E, agora que ela foi embora, sou sempre só eu.

— Você cuida deles? — perguntou Ophelia. — Que nem com os Roberts?

Uma sensação enorme de bem-estar tomou conta de Fran. Os pés dela se esquentaram pela primeira vez no que parecia dias, e a garganta pareceu se revestir de mel e citronela. Até o nariz parecia menos dolorido e vermelho.

— Ophelia?

— Sim, Fran?

— Acho que vou melhorar muito — disse Fran. — E foi graças a você. Você foi corajosa, uma amiga de verdade, e preciso pensar em um jeito de retribuir.

— Não fui... — protestou Ophelia. — Quer dizer, que bom que eu fui. Que bom que você me pediu. Prometo que não vou contar para ninguém.

Se você contasse, ia se arrepender, pensou Fran, mas não falou em voz alta.

— Ophelia? Preciso dormir. E depois, se você quiser, a gente pode conversar. Você pode até ficar aqui enquanto eu durmo. Se você quiser. Não ligo de você ser lésbica. Tem biscoito recheado na bancada da cozinha. E aqueles outros dois que você trouxe. Eu gosto de linguiça. Pode comer o de bacon.

Ela adormeceu antes que Ophelia pudesse falar qualquer coisa.

A primeira coisa que Fran fez ao acordar foi encher a banheira. No espelho, ela deu uma conferida rápida. O cabelo estava úmido e oleoso, cheio de nós, que nem uma bruxa. Os olhos estavam com olheiras, e a língua, quando ela pôs para fora, estava amarela. De banho tomado e vestida, a calça jeans ficou folgada, e ela sentia todos os ossos.

— Eu poderia comer uma montanha de comida — contou para Ophelia. — Mas um biscoito de cabeça de gato e uns recheados já servem por enquanto.

Havia suco de laranja fresco, e Ophelia tinha colocado em uma jarra de pedra. Fran decidiu não avisar que papai usava aquilo como escaradeira de vez em quando.

— Posso perguntar um pouco mais sobre eles? — perguntou Ophelia. — As pessoas de verão?

— Não sei se consigo responder tudo — respondeu Fran. — Mas pode.

— Quando eu cheguei lá, quando entrei, minha primeira impressão foi de que devia ser algum ermitão. Um daqueles acumuladores. Já vi aquele programa, e às vezes essas pessoas guardam até o próprio cocô. E gatos mortos. É horrível.